

Museus e Arquitetura: Uma análise sobre as transformações arquitetônicas dos edifícios culturais

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v9i1.1850>

Rayane Soares Rosário

Graduada em Museologia pela UFMG
Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural pelo UNIBH
rayanesrosario@gmail.com



Bruna Caldas Cordeiro

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FUIT
Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural pelo UNIBH
bruna@brunacaldas.com.br



Simone Isabel Batista da Cruz

Graduada em Gestão Comercial pelo Centro Newton Paiva
Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural pelo UNIBH
simoneisabeli@bol.com.br



Recebido em: 04/06/2016 – Aceito em 22/07/2016

Resumo: Esta pesquisa incide, no âmbito geral, sobre a reconfiguração do papel simbólico da arquitetura nos museus e edifícios culturais, com foco em seus desdobramentos e alterações arquitetônicas. Tenciona analisar a atratividade criada nesses espaços, enquanto locais que abrigam produções e representações culturais, além de avaliar a articulação das instituições culturais com questões de poder, representação e consumo cultural na sociedade, questionando a predominância e surgimento desses espaços culturais, nos diferentes momentos espaço-tempo arquitetônico.

Palavras-chave: Museu; Arquitetura; Cultura;

Abstract: This research focuses on the general scope of the reconfiguration of the symbolic role of architecture in museums and cultural buildings, focusing on its development and architectural changes. Will analyze the attractiveness created these spaces as places that house productions and cultural representations, and to evaluate the articulation of cultural institutions with issues of power, representation and cultural consumption in society, questioning the prevalence and emergence of these cultural spaces, in different times space architectural -time.

Keywords: Museum; Architecture; Culture;

Breve Enunciados:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1989).

A arquitetura pode ser conceituada e atribuída a vários aspectos, ou seja, como forma, espaço, materiais, função. No entanto, segundo Zevi (1984), dentre estes aspectos, o substantivo que difere a arquitetura das outras artes, ou da mera construção, é o espaço. Assim, “a definição mais precisa que se pode dar atualmente da arquitetura é a que leva em conta o espaço” (ZEVI, 1984).

No Seminário Regional da UNESCO, a museologia ganhou a definição de ramo do conhecimento ligado ao estudo dos objetivos e organização de museus (UNESCO, 1958).

Seguindo o raciocínio de Geertz, podemos inferir que a cultura seja um fenômeno social, cuja gênese, manutenção e transmissão estão a cargo dos atores sociais. Portanto, ao entendermos cultura enquanto um fenômeno social produzido pelo homem, podemos considerar a arquitetura como produção social, e, assim, conseqüentemente, como produção cultural.

No que tange ao produto arquitetônico em contato íntimo com a cultura, podemos identificar os edifícios que abrigam as produções culturais da sociedade, sendo eles mesmos uma produção cultural. As monumentalidades que os grandes museus vêm adquirindo refletem no cenário urbano e alteram o contexto de produtividade e competitividade e, por conseqüência, na oferta e propagação da imagem turística das cidades.

Nesse sentido, os espaços culturais sofrem mutações para atender às demandas ligadas à cultura, ao fazer museológico e à arquitetura nos diversos períodos, ou seja, no modernismo e no período contemporâneo.

Museu e Arquitetura:

O termo museu provém do latim “*museum*”, que por sua vez se origina de “*mouseion*”, que tem procedência na Grécia Antiga e significa “santuário dos templos dedicados às musas”, ligadas a diferentes ramos das artes e das ciências, filhas de Zeus e Mnemosine – divindade da Memória. Tão antigos quanto a história da humanidade, podemos considerar que estes espaços existem desde que o homem começou a guardar e colecionar objetos de valor em salas com finalidades específicas a esse propósito.

Surgidas a partir do século XIV, as coleções principescas, como a reunida no Palácio dos Médici¹, passaram a ser enriquecidas ao longo dos séculos XV e XVI, de objetos e obras de arte da antiguidade, tesouros e curiosidades provenientes da América e da Ásia.

É ainda no período renascentista que se desenvolve uma verdadeira paixão pelos gabinetes de curiosidade ou câmaras de maravilhas, muitas chamadas de museus. Formadas por estudiosos que buscavam simular a natureza em gabinetes, reuniam grande quantidade de animais, objetos ou obras raras, fabulosas ou insólitas, em arranjos quase sempre caóticos. Com o tempo, tais coleções se especializaram, passando a ser organizadas por base na natureza dos objetos.

Várias das coleções, formadas entre os séculos XV e XVIII, posteriormente, se transformaram em museus. No entanto, na sua origem, elas não estavam abertas ao público e destinavam-se, exclusivamente, à fruição de seus proprietários.

Surge em Florença, em meados do século XVI, o primeiro espaço dedicado exclusivamente às artes (leia-se espaços que abrigam as produções culturais), quando François I reutiliza o último andar de uma edificação de escritórios, para reunir toda a sua coleção de obras de arte, que antes se encontrava espalhada. Esse espaço adotou o nome de *galerie* e com o tempo, tornou-se uma referência para a construção de um imaginário burguês de prestígio e importância (KIEFER, 2000).

Durante o século seguinte, os reis e alguns burgueses se apropriaram da referên-

¹O Palácio Médici, em Florença, é considerado por muitos autores o primeiro museu privado da Europa.
²O neoclassicismo tem um valor ímpar no âmbito da arquitetura de museu, principalmente ao propor as formas de construções desses espaços baseados em um racionalismo pragmático.

cia de François I, organizando suas coleções privadas em espaços próprios a esta finalidade, o que facilitou a composição dos primeiros museus públicos, porém ainda com grandes restrições ao acesso de parte da população.

Inicialmente, são as antigas sedes de monarquias que se transformam em espaço de colecionismo e exposição de arte e cultura. Como Kiefer observa, os primeiros museus adotaram a tipologia dos palácios como a primeira forma de expressão arquitetônica.

As ideias iluministas que vão desaguar na Revolução Francesa são as mesmas que estão por trás da criação dos primeiros museus. [...] O exemplo mais notório, é o caso do Museu do Louvre, em Paris, que ocupou parte do palácio do governo, em 1793, pouco depois, portanto, da Revolução Francesa (KIEFER, 2000, p. 14).

No final do século XVIII, quando surgem os primeiros museus públicos na França, construídos pelo Governo Revolucionário com a finalidade de recreação cultural, acontecem mudanças de grande importância. Na Europa, esse período é caracterizado pela divisão entre ciência e arte, onde as certezas acumuladas pela tradição barroca e rococó são destruídas. Para a arquitetura, esse período de mudanças, significa a perda da autolegitimação do estilo clássico e, conseqüentemente, todos os estilos históricos passam a ter mais legitimidade. Por outro lado, surge um novo estilo clássico ou o Neoclássico², por meio da ideia de busca e recuperação do verdadeiro estilo grego.

Em questões urbanas, os moldes de museus-palácios alcançam resultados expressivos, porém essa tipologia arquitetônica auxiliou alguns problemas técnicos, como o acúmulo de salas e depósitos e a dificuldade de comunicação com o público. Quanto aos museus nacionais, questionamentos já vinham ocorrendo desde o final do século XIX, quando os movimentos vanguardistas denominaram os velhos museus de “necrópole da arte” em seus abrasados manifestos modernistas, por sua imagem de lugar conservador que acolhe a arte oficial. No campo da arquitetura, esse acontecimento culminou em uma onda de manifestações críticas ao estilo eclético por parte dos modernistas. Isto é, a visão do movimento, os modos de sentido e a percepção trazida pelos novos conceitos modernos contribuíram abruptamente para determinar que a rigidez dos espaços, obras e estilos fossem conceitos deveras sepultados.

No entanto, cabe ressaltar que no que tange a arquitetura de museus, as ideias de caráter modernista só surgem em 1931, com o projeto de Le Corbusier, o Musée de la Connaissance³, localizado nas proximidades de Paris. A maior herança modernista para os museus está em sua espacialidade. A simplificação dos espaços, com fluidez e transparência, que integrou as salas de exposição e as circulações, será uma característica dos projetos de museus, a ser explorada ainda na contemporaneidade. Há dois grandes exemplos de museus dessa tipologia arquitetônica no Brasil: Projeto de Reidy, em 1954, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM e o projeto de Lina Bo Bardi, em 1957, para o Museu de Arte de São Paulo – MASP.

É também no período modernista que ocorrem algumas mudanças programáticas da arquitetura voltadas para os museus. Como observa Kiefer:

Mas não era apenas a forma do museu que estava mudando, havia toda uma nova conceituação por trás desses projetos. Os museus agora eram projetados para serem lugares agradáveis de ficar até mesmo independentemente de seus motivos-objeto, o acervo exposto. Para isso foram agregados novos serviços como restaurantes, lojas, parques e jardins, além de outras facilidades e, mais do que tudo, em

³A realização de novos museus foi retardada devido às crises conseqüentes das guerras, forçando esse debate ao modernismo.

contraposição ao museu antigo, muita luz natural iluminando amplas circulações e grandes espaços de exposição muito mais integrados e fluidos (KIEFER, 2000, p. 20).

O Centro e o Complexo Cultural Pós-Moderno / Contemporâneo:

A transformação gradativa da função do museu criou possibilidades do surgimento de novas tipologias, como os Centros Culturais, os quais reúnem em um só edifício, ou conjunto edificado, diversas funções voltadas à cultura e ao público visitante (DALL'IAGNA e GASTAUD, 2010).

A partir da segunda metade do Século XX, os museus passaram por grandes modificações, em seus conteúdos e em suas formas, no papel social e nos espaços utilizados. É no século XX que os museus tornam-se um fenômeno de massas.

Com o avanço tecnológico e através da utilização de softwares no processo projetual arquitetônico, os edifícios culturais foram desenvolvendo-se, assumindo experimentações mais ousadas. Planejado para diversas funcionalidades, os centros culturais não se prendiam somente a áreas de exposições, mas proporcionavam um grande espaço de domínio público, por gerar um núcleo de convivência.

Essas características contribuíram para a transformação de público e a presença dos visitantes nesses locais. Conforme Alves (2010) observa, os espaços museais e os centros culturais começaram a atrair um público mais variado, dentro de uma lógica urbana pertencente a um sistema mercadológico-capital.

Os Centros Culturais surgem como resposta a esse novo panorama de espaços, apostando na característica efêmera das artes pós-moderna, e assim focando suas edificações para exposições temporárias e performances em festivais (ALVES, 2010).

O acentuado movimento ao redor dos museus facilita a modificação das edificações e dos acontecimentos que propagam a circulação cultural em massa, em que tais transformações passam a compor o contexto contemporâneo de caracterização do “atual”. Isto é, a arquitetura dos museus contemporâneos torna-se, um forte agente de inclusão e conservação das instituições no sistema da arte, desde o alcance da grande mídia até a delongada reflexão crítica do público especializado.

A relação que a arquitetura tem com as artes, participando ativamente das esferas culturais é bastante nítida. Com a propagação cultural, ocorre uma maior acessibilidade aos espaços culturais, demandando bem mais da arquitetura, uma vez que há as alterações em suas configurações espaciais do modo estático para o mutável. Esta é a necessidade que surge encadeada ao caráter multicultural do século XXI.

Como resposta ao consumo do capital, os espaços culturais tornaram-se centrais para a economia, uma vez que a cultura ganha maior visibilidade na sociedade capitalista. Consequentemente, restaurantes, livrarias, cafés, lojas, teatros, passam a fazer parte do imaginário de espaço cultural e os espaços museais traçam novos perfis, atendendo as necessidades dessas novas demandas sociais. Ou seja, o museu passa a ter funções além das típicas atividades museais, cria-se edifícios de programas híbridos, com especialidades múltiplas, o que chamamos de complexos culturais.

As diversas atividades dos Complexos Culturais permitiram a concepção de diferentes espaços e embora possuam diferentes funções, esses espaços foram arquitetados para se mesclarem, no entanto, ao mesmo tempo representam grupos definidos.

⁴Antes município minerador, Brumadinho agora desponta no turismo com o Instituto Inhotim. A nova vocação em Brumadinho, com seus 35 mil habitantes, começou a despontar no rastro do Instituto Inhotim, complexo museológico de arte contemporânea e jardim botânico que reconfigurou o urbanismo local e incentivou a constituição da rede de Turismo na região.

⁵A Gentrificação é um fenômeno ligado à revitalização urbana que consiste em melhorias no espaço urbano, provenientes de investimento público ou privado, mas que, pode acarretar problemas sociais, como a expulsão da população moradora local, devido ao enobrecimento do espaço gerado pelas melhorias. Trata-se de um processo em que o espaço geográfico urbano transforma-se e ressignifica-se, sobretudo em função da valorização acentuada e do enobrecimento de uma área antes considerada periférica.

O tratamento equilibrado na importância do diverso programa dos Complexos Culturais e o poder de renovação urbana que esses projetos conseguem alcançar é de fácil percepção. Exemplo brasileiro que exemplifica essa característica da tipologia contemporânea de projetos arquitetônicos culturais como “peças-chave” em processos de renovação urbana é o Instituto Cultural Inhotim⁴, em Brumadinho - MG.

O Museu, a Cultura e o Turismo

A função do museu transcende aquela instituição tradicional tida como depositária e guardiã de objetos. O museu torna-se interdisciplinar, descentralizado e também passa a contemplar a preservação e conservação do patrimônio *in situ* a partir de uma abordagem orientada para a contextualização do objeto onde um contexto pode dotar seus objetos de significação e, reciprocamente, objetos contribuem para uma maior significação dos espaços que eles ocupam originando assim, os museus de sítio, ecomuseus, prédios históricos, entre outros (MENSCH, 1988, p.51).

Na mesma proporção em que a revitalização integrou propostas museológicas, os museus fazem parte de projetos de revitalização e/ou gentrificação⁵.

A sociedade caminha para uma democratização do conhecimento que proporciona ao cidadão o acesso a sua própria memória, ao resgate e as (re)construções das identidades. Com uma vasta comunicação em rede, a sociedade contemporânea é capaz de marcar o habitual de consumo de vários grupos, tendo conseqüentemente a oportunidade de transformar pequenas cidades e seus espaços culturais em destinos turísticos.

Atualmente não há dúvidas quanto a existência de turistas que buscam o que Benjamin (1985) denominou a aura dos objetos reais, e outros que se deleitem nas representações, cópias e/ou réplicas, sempre que estas sejam de qualidade. Tampouco há imprecisões de que a questão da autenticidade não é tão relevante quanto a da legitimidade do patrimônio turístico, que está dada pela capacidade do mesmo em responder às necessidades de identificação dos turistas com uma história coerente contada de forma amena, mas fidedigna.

Nesse sentido, nota-se a importância da diferenciação tipológica do edifício cultural, principalmente para questões sobre as demandas contemporâneas da arquitetura, cidade e seus usuários. Cabe ainda, ressaltar a eficácia da arquitetura contemporânea em questões de ressignificação, transformação e mutação dos espaços culturais, buscando desenvolver atratividade e interatividade com o público usuário e o turismo na contemporaneidade.

Considerações Finais

A busca por elementos característicos e diferenciais de cada cultura surge como uma necessidade e a cultura “autêntica” passa a ser a matéria prima para a criação de um produto turístico comerciável e competitivo em nível internacional. Por outro lado, nem a cultura, nem as pessoas conservam-se definitivamente idênticas e neste sentido é necessário concordar com aqueles que entendem que, em certos casos, “manter” a identidade local, mediante tradições fixas, equivale a tentar impedir o processo normal de evolução das sociedades e das pessoas.

Com o crescente desejo das pessoas em conhecer culturas e novos lugares, o turismo vem se des-

tacando como um dos setores econômicos mais dinâmicos. A globalização tornou-se algo comum em nossas vidas e esse é um dos motivos pelos quais as diversidades culturais encontram lugar na sociedade em que vivemos. Paralelamente a este cenário, nos últimos anos, o turismo cultural vem se desenvolvendo em forma veloz e a arquitetura dos espaços culturais surgem como instrumentos de transformação do espaço urbano, a partir de um processo de cenarização planejada desse espaço para atender às expectativas do mercado e desenvolvimento sociocultural.

Referências:

- ALVES, Giovana Cruz. O lugar da arte - um breve panorama sobre a arquitetura dos museus e centros culturais. Espírito Santo: Arquimuseus - Anais do Seminário, 2010.
- BENJAMIN, Walter – A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. IN: Magia e técnica, arte e política. 5ª Edição – Editora Brasiliense, 1969.
- CANEDO, Daniele. Reflexões sobre o conceito de cultura. Bahia: V ENECULT, 2009.
- DALL'IGNA, Claudia; GASTAUD, Carla. Museu, permanência e transformação. Portugal: A.E.A.U.L.P., 2010.
- GEERTZ, Clifford: Uma Descrição Densa. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- KIEFER, Flávio. Arquitetura de Museus. Rio Grande do Sul: UFRGS - ArqTexto, 2000.
- MENEZES, José Newton Coelho. História & Turismo Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MENSCH, P. Museus em movimento: uma estimulante visão dinâmica sobre a interrelação Museologia-museus. *Cadernos Museológicos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988.
- MUMFORD, Lewis. A cidade na história. Suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
- Seminário Regional da UNESCO – Função Educativa dos museus. Rio de Janeiro. 1958.
- SNYDER, James C. e CATANESE, Anthony. Introdução à Arquitetura. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1984.
- ZEVI, Bruno. Saber ver a Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.